

Corpos Bombados e Desviantes? Anabolizantes e Moralidades na Musculação

Alan Camargo Silva¹
Jaqueline Ferreira¹

¹Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Resumo

Fundamentado pelos pressupostos teórico-metodológicos da Sociologia do Desvio, o presente estudo teve como objetivo compreender as lógicas do consumo de anabolizantes na musculação de uma academia de ginástica situada em um bairro popular carioca. Trata-se de uma etnografia em um estabelecimento à margem de uma favela carioca durante um ano entre 2012 e 2013. Os achados da presente pesquisa apontaram que o consumo de anabolizantes pelos frequentadores era geralmente naturalizado, mas visto como ato desviante a depender das situações e dos grupos sociais que compartilhavam esses produtos. Conclui-se que a teoria do desvio contribui para o entendimento dos usos de tais substâncias pela ótica sociocultural local e não somente do ponto de vista legal ou da racionalidade biomédica, potencializando, assim, discussões de dados fundamentais para a intervenção profissional nesses estabelecimentos ou para programas e políticas públicas de saúde pública sobre drogas e medicamentos.

Palavras-chave: Anabolizantes. Medicamentos. Drogas. Academias de Ginástica. Etnografia.

Pumped and Deviant Bodies? Anabolic Steroids and Moralities in Bodybuilding

Abstract

Based on the theoretical-methodological assumptions of the Sociology of Deviation, this study aimed to understand the logics of the consumption of anabolic steroids in bodybuilding in a gym located in a popular neighborhood in the city of Rio de Janeiro. This is an ethnography set on the margins of a shantytown during a year between 2012-2013. The findings of the present research showed that the consumption of anabolic steroids by patrons was generally naturalized, but seen as a deviant act depending on the situations and social groups that shared these products. It is concluded that the deviation theory contributes to the understanding of the uses of such substances from the local sociocultural perspective and not only from a legal point of view or biomedical rationality, thus enhancing discussions of fundamental data for professional intervention in these fitness centers or for public health programs and public policies on drugs and medicines.

Keywords: Anabolic Agents. Medicines. Drugs. Gym. Ethnography.

Recebido em: 10/12/2021
Aceito em: 03/01/2023



Este trabalho está licenciado sob CC BY-NC-SA 4.0. Para visualizar uma cópia desta licença, visite <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

1 O Uso de Anabolizantes como ato Desviante

Pesquisas socioantropológicas sobre o desvio podem revelar ou relativizar lógicas que movem determinados grupos sociais para dados usos do corpo. Isso é particularmente verdadeiro em relação ao público usuário de anabolizantes, evitando, assim, análises distanciadas e etnocêntricas sobre essa droga cuja comercialização e seu uso indiscriminado podem ser considerados ilegais, trazendo danos à saúde (DARTORA; WARTCHOW; ACELAS, 2014; BRITO; FARO, 2017; MARINHO; SILVA, 2019). Sugere-se que investigações etnográficas onde há consumos de anabolizantes, como nas academias de ginástica, contribuem para a intervenção profissional nesses estabelecimentos de práticas corporais ou para programas e políticas públicas de saúde pública sobre drogas e medicamentos. De forma mais ampla, na perspectiva de uma antropologia do medicamento, é necessário entender o mesmo dentro de um contexto de engajamento dos indivíduos em um processo que envolve coordenação e coerência entre diferentes ações e interações (FAINZANG, 2001).

Nesse sentido, o objetivo da presente pesquisa foi compreender as lógicas do consumo de anabolizantes na musculação de uma academia de ginástica situada em um bairro popular carioca, levando em conta as perspectivasêmicas sobre o desvio. Destaca-se a importância do espaço intelectual do campo das Ciências Sociais que permitiu o desenvolvimento da Sociologia do Desvio: a Escola de Chicago. No início do século XX, influenciada pelo pragmatismo norte-americano e plural epistemologicamente, tal escola de atividade emerge preocupada com os problemas sociais urbanos que passaram a ser tratados como objetos de análise/intervenção (COULON, 1995; BECKER, 1996).

Os anabolizantes são permitidos apenas com autorização e receita médica já que são considerados drogas ou medicamentos de controle especial (BRASIL, 1998). Além disso, os anabolizantes se enquadram em um tipo de produto que possui regulamentação legal controlada para a sua comercialização (BRASIL, 2000; 2006). No entanto, o fato de serem proibidos não impede que tais substâncias sejam utilizadas indiscriminadamente para fins esportivos, terapêuticos ou estéticos (SILVA, 2017). Isso pode ser visto tanto nos laboratórios/mercados clandestinos (MACHADO; FRAGA, 2017) como também na (re)apropriação ou “autorização” do discurso médico de quem pode pagar pelos chamados tratamentos hormonais (MORAES, 2016; TRAMONTANO, 2018).

Nesse caso, cabe apreender como determinados grupos sociais em dadas microrrealidades (re)configuram, (re)classificam ou (res)significam o que de fato é ou pode ser considerado desviante em relação ao consumo de anabolizantes. Logo, baseia-se aqui na perspectivaêmica sobre essa categoria construída por outras lógicas diferentes da biomédica ou legal. Constrói-se, assim, o que pode ser localmente considerado legítimo/

ilegítimo, normal/anormal, desviante ou não no que diz respeito ao corpo hormonizado ou *bombado* – como é popularmente chamado o físico de um usuário de anabolizantes.

Nessa direção, entende-se que as interações sociais em dadas circunstâncias são mediadas por símbolos (BECKER, 2008). Desse modo, o desvio não pode ser considerado uma categoria individual estanque, pois se caracteriza pelas regras sociais estabelecidas e classificadas coletivamente por determinado grupo em dado momento (VELHO, 1999). As experiências sociais complexas que envolvem os usos de medicamentos prejudiciais ao organismo e que podem causar a dependência química mereceram uma atenção especial dos estudos sociológicos interacionistas e centrados particularmente na noção de desvio (VELHO, 1998; 1999; BECKER, 2008).

Existem algumas pesquisas qualitativas e pautadas em referenciais das Ciências Humanas e Sociais sobre os usos de anabolizantes em academias. Exemplarmente, há trabalhos que investigaram como as múltiplas noções de risco se relacionavam aos seus distintos usos na musculação (IRIART; ANDRADE, 2002; IRIART; CHAVES; ORLEANS, 2009; SILVA, 2017). Outros estudos analisaram como as questões relacionadas às diferentes formas de expressar as masculinidades estariam atravessadas (in)diretamente pelos rituais de consumo desses medicamentos em academias (SABINO, 2005; CESARO; FRAGA, 2013; OLIVEIRA JÚNIOR, 2017; SILVA; FERREIRA, 2020). É possível detectar também uma preocupação das investigações acerca da formação e atuação do profissional de Educação Física no que tange ao consumo de anabolizantes (PALMA; ASSIS, 2005; CHAVES, 2009; MACHADO; FRAGA, 2020).

Para Hallal e Knuth (2011), o consumo de anabolizantes pode ser considerado uma das questões de saúde pública em que as pesquisas epidemiológicas não conseguem realizar uma compreensão aprofundada. Por isso, argumenta-se aqui sobre a relevância da análise dos anabolizantes, cujo uso é controverso do ponto de vista biomédico ou legal, pela ótica microsociológica do desvio. Tal abordagem teórico-metodológica pode contribuir sobremaneira para esse tema no que diz respeito ao cenário acadêmico e profissional em diferentes campos de saber, tais como: Medicina, Educação Física, Farmácia, Nutrição, Enfermagem, Saúde Coletiva/Pública entre outros afins.

2 Etnografando uma Academia de Ginástica

Pelo fato de a etnografia não ser necessariamente considerada um método (PEIRANO, 2014), considera-se que o alinhamento dos dados etnográficos a um diálogo intenso e fecundo com as teorias clássicas foi de suma importância para essa pesquisa antropológica e que “[...] é preciso recuperar esse lado extraordinário e estático das relações entre pesquisador/nativo” (DAMATTA, 2010, p. 198). Desse modo, entende-se que a construção teórico-empírica sobre desvio do presente estudo etnográfico/reflexivo se estabeleceu intersubjetivamente entre os interlocutores e o no duplo papel do pesquisador: profissional de Educação Física e etnógrafo, problematização essa realizada em Silva (2021). Assim, assume-se o seguinte apontamento:

Estou consciente de que se trata, no entanto, de uma interpretação e que, por mais que tenha procurado reunir dados “verdadeiros” e “objetivos” sobre a vida

daquele universo, a minha subjetividade está presente em todo o trabalho. Isso será claro para mim na medida em que volto constantemente a reexaminar a pesquisa e mesmo a revisar o local de investigação. (VELHO, 1994, p. 130)

A observação participante, delineada pelo primeiro autor do presente texto, ocorreu em uma academia localizada no bairro de baixa renda chamado de Cidade de Deus, situado na zona oeste do Rio de Janeiro. A incursão ao campo ocorreu com autorização prévia da proprietária/ coordenadora da academia. O local costumava ser higienizado uma ou duas vezes por dia por um único faxineiro e toda a infraestrutura do estabelecimento parecia estar condenada pelas fiações elétricas, poeira, infiltrações no sistema hidráulico, arames de gesso retorcidos ou enferrujados e vergalhões enferrujados expostos pelos espaços. Havia acúmulo de entulho em um dos locais da academia o que gerava mosquitos na sala de musculação, além do próprio estabelecimento ser a céu aberto e parcialmente coberto por telhas de amianto. Os aparelhos de musculação eram antigos com estofados rasgados ou tinta descascando e frequentemente as engrenagens não funcionavam pela falta de óleo lubrificante/graxa.

O estabelecimento fica à margem de uma das favelas da Cidade de Deus e atendia diferentes públicos de classe baixa e média/baixa, em especial, homens negros/pardos jovens com graus de escolaridades até o ensino fundamental e que trabalhavam informalmente ou em subempregos. Os usuários de anabolizantes tinham, em média, 15 a 35 anos de idade.

Em relação ao trabalho de campo, que teve duração de um ano (2012-2013), vale destacar que eu costumava comparecer ao estabelecimento no turno da tarde e noite durante três ou quatro horas por duas a três vezes na semana, o que me permitia interagir com dez a 30 pessoas aproximadamente a cada hora. Posicionava-me na academia circulando e conversando pelo espaço do estabelecimento, em especial, no setor da musculação. Para o presente trabalho, privilegiei o recorte das observações sobre os distintos praticantes de musculação que declaravam ou conversavam explicitamente acerca dos usos de anabolizantes.

O diário de campo era o meu próprio celular em que digitava breves lembretes na sala de musculação, no banheiro, em espaços menos frequentados da academia ou, até mesmo, no ponto de ônibus após o trabalho de campo e, depois, em casa, expandia textualmente as situações/ interações que presenciava durante o dia. Essa estratégia metodológica foi inspirada nos clássicos trabalhos de Cicourel (1980), Whyte (1980) e Becker (1997) que sugerem o registro imediato do fato observado e vivido para que não haja comprometimento da riqueza dos detalhes das interações/situações sociais, o que de certo modo potencializa o exercício do etnógrafo de “estar lá, escrever aqui” (GEERTZ, 1989). Dessa forma, elaborei um diário de campo em que anotava todas as situações e conversas brutas por dia e, junto a esse material, registrava pré-noções e interpretações. Foi possível detectar como o consumo de anabolizantes pelos usuários assumia sentidos êmicos no que diz respeito a ser um comportamento desviante diverso da ótica biomédica ou jurídica na musculação dessa academia da Cidade de Deus. Eu temia ser caçoado ou rejeitado pelos usuários por não usar tais substâncias, mas o fato de ter um corpo considerado sarado, graças a minha rotina de exercícios, me permitiu ser rapidamente integrado ao ambiente. Todavia, em diversas situações sociais, me questionava se deveria

experimentalizar algo ou valorizar tais produtos para me aproximar dos pesquisados. Por isso, durante o trabalho de campo, eu me colocava em uma posição de segurança, buscando interagir primordialmente com interlocutores que afetuosamente já tinham apoiado a minha inserção ali. Tal iniciativa me remeteu à experiência de Whyte (2005, p. 299) quando alerta que

Há um desgaste quando se faz esse tipo de trabalho de campo. Ele é maior quando você é um estranho e está constantemente se perguntando se as pessoas vão aceitá-lo. Por mais que goste do que está fazendo, você deve desempenhar um papel enquanto observa e entrevista, e nunca está completamente descontraído.

O estudo em tela foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CAAE: 01559712.7.0000.5286, Número do parecer: 203.235). A seleção do material empírico inédito que esse texto se debruça refere-se aos dados não tratados na tese de doutorado de Silva (2014). Destaca-se que houve a utilização de pseudônimos para garantir o anonimato dos sujeitos. Ressalta-se também que, a cada nova interação face a face, havia a apresentação do pesquisador como “estudante de um curso”, orientação esta sugerida por Beaud e Weber (2007).

3 Assumindo Riscos

Os anabolizantes são artifícios medicamentosos elaborados a partir de combinações bioquímicas de testosterona que permitem potencializar o aumento de massa muscular. Popularmente são conhecidos como “bombas”. O significado de bomba pode ser qualquer projétil ou artefato explosivo. Dessa forma, a metáfora aqui se faz pertinente uma vez que os anabolizantes são considerados um atalho para acelerar resultados dos treinos, pois, de fato, há um crescimento mais rápido do volume muscular do que um praticante não-usuário desses produtos. Assim, pode-se fazer uma analogia com uma explosão muscular. Igualmente, a analogia entre anabolizantes e a ideia de risco à saúde ou ameaça a vida justificam esse emprego de nomenclatura popular. Dessa forma, o seu uso, mesmo não se tratando de droga ilícita, pode ser considerado perigoso e nem sempre recomendado amplamente pelos profissionais de saúde ou do campo esportivo (BHASIN *et al.*, 2021). Por outro lado, para os frequentadores dessa academia, o seu uso era naturalizado, uma vez que, segundo eles, caracterizava-se pelo meio mais rápido e eficaz de desenvolver músculos. Isso não significa que eles desconheçam os seus potenciais efeitos nefastos no organismo, mas a lógica de ganho muscular e *performance* se sobrepõe a dos riscos à saúde. Dessa maneira, analisando esse fenômeno pela perspectiva do interacionismo simbólico da Escola de Chicago, observava como esses usuários constroem uma ideia de comportamento desviante.

Assim, apenas nas interações entre os frequentadores da academia, foi possível perceber que, diferente da lógica biomédica, os anabolizantes somente poderiam ser considerados desvio a depender da substância específica, da forma de tomar e das razões de consumo pelos usuários ou na forma de administrar as reações adversas. Nesse texto,

não estou assumindo a perspectiva biomédica ou epidemiológica da categoria risco, mas a considerando na perspectiva ética dos meus interlocutores. Descrevo, a seguir, algumas dessas interações que auxiliam na elucidação desses aspectos.

A clássica noção de que o uso de anabolizante aprimorava o desempenho corporal era rotineira no estabelecimento:

Wellington: *Vou meter 40 quilos no exercício tríceps mergulho.*

Lair: *Tu tá puro?*

Wellington: *Não muito, eu tomo o remedinho e consigo fazer tudo a mais aqui! O problema é quem não toma e na hora de fazer o exercício se machuca, aí é foda!*

Sheik: *Esse aí super-homem!*

Perninha: *hahaha... eu vou querer mais do “negocinho”.*

Sheik: *Beleza! Viu? Agora ele vai voar mesmo, hahaha!*

Estagiário Wilson: *Se o cara não tomar nada, não irá crescer e se malhar muito, cresce torto, entende? Sempre tem que roubar um pouquinho com algo mais, com um produto desses aí, senão não dá!*

Funcionário Marcinho: *Queria ter o corpo daquele professor! O corpo daquele professor ali tá inchado de bomba. Quando eu chegar no corpo dele, vou parar de tomar os produtos que ele me indica, na verdade eu vou começar a escolher o que vou tomar.*

A *performance* física e o imediato ganho de massa muscular eram as principais justificativas para a utilização de tais produtos. Havia uma lógica de meta ou objetivo a ser cumprido com os usos de anabolizantes e um tipo específico de manejar as substâncias para o processo de tomar. Embora eles reconhecessem que o seu uso não era legítimo e nem inofensivo, bem ilustrado na fala acima de Lair sobre a relação de pureza e impureza relacionada à existência da droga no organismo, era recorrente a ideia de que sem o uso dessas substâncias não se obteria o ganho muscular almejado. Essa perspectiva era completamente naturalizada e não havia nenhum constrangimento ou receio por parte dos pesquisados, diferentemente da pesquisa de Andrews, Sudwell e Sparkes (2005), em que os sujeitos não discutiam esse tema abertamente na academia. Na maioria das vezes, na academia de Cidade de Deus, não havia juízos de valor explícitos sobre o simples consumo dos anabolizantes.

Parte dos usuários dessa substância tinha a perspectiva de que para desenvolver musculatura não bastava apenas usar os fármacos, mas também assumir os riscos dos efeitos colaterais e adversos:

Alex: *Esses produtos me estragam todinho. Não tem jeito! Tudo de anabolizante me fode, mas é por aí mesmo. O caminho é esse! Tem que aguentar pra ter resultado! Eu tenho medo de “se” injetar, só cápsula mesmo...*

Pesquisador: *Tem o mesmo efeito?*

Alex: *Acho que não, né? Talvez tenha sim! O Hemogenin é mais forte em cápsula.*

Ronaldo: *Pô, só tô tomando suplemento. Eu arranjei uma gastrite! Eu faço tudo certo e me ferro. Que merda! Então, eu já vou tomar bomba logo. Tem gente que toma e não dá em nada. Tá aí bem e andando.*

Montanha: *A sensação da picada é difícil, dói, mas é bom porque olha o resultado, tá aqui! Hoje em dia eu tomo bomba e nem fico mais neurótico. Eu aplico e fico só aguardando para ver o efeito. É muito bom! O legal é só esperar e vê no que dá!*

O que poderia ser denominado de possíveis malefícios por usos indiscriminados de anabolizantes configurava-se, na interpretação dos interlocutores, como uma situação inerente a esses medicamentos e que “tinha que aguentar para ter resultado”. Naturalizava-se, portanto, o mal-estar em prol de um potencial corpo socialmente legítimo no futuro. A assimilação desses sintomas e mal-estares, segundo a premissa de Becker (2008, p. 62), aponta que com o uso de drogas não legítimas “[...] dadas essas primeiras experiências tipicamente assustadoras e desagradáveis, o iniciante não dará continuidade ao uso, a menos que a aprenda a redefinir as sensações como agradáveis”. No caso aqui, não se trata de uma ressignificação dos sintomas desagradáveis, mas sim superá-los em prol de um ganho maior.

Assim, se do ponto de vista biomédico ou legal, o consumo de anabolizantes era considerado risco, ali, na academia de Cidade de Deus, flertar com os efeitos inesperados e desagradáveis dos produtos era parte inerente dos usos do corpo daqueles usuários. Criava-se uma espécie de glamourização ou valorização do processo de consumir esses medicamentos para além do que potencialmente ocorreria no corpo. Nessa lógica, o que poderia ser considerado desviante era o seu não uso e nesse sentido os que não compartilhavam da mesma prática eram excluídos das interações. À luz do que afirma Goffman (2011), isso podia ser visto nos rituais cotidianos do face a face em que havia encontros sociais de copresença entre bombados ou de não-bombados. Assim, não era comum observar aglomerados de conversação duradoura entre usuários e não-usuários de anabolizantes. Além disso, ao circular por ambos os grupos, costumava ouvir “críticas” ou “julgamentos” sobre como o Outro utilizava o próprio corpo.

No entanto, o fato de assumir os riscos como parte inerente do processo não impedia certo receio do uso de tais substâncias. Grande parte dos usuários já havia escutado ou experienciado algum tipo de problema com o consumo de anabolizantes:

Pesquisador: Fala, Goiabinha, perguntei por você! Marcinho me disse o porquê que tu parou de malhar!

Goiabinha: Foda! Parei por causa de várias dores que tive pelo corpo. Fiquei cinco semanas sem malhar. Vou voltar quietinho, na moral, nem quero mais saber desses produtos aí!

Carlinhos: Meu primo é químico e me deu umas paradas! Nunca mais! Fiquei muito mal! Depois ele me deu uma coisa lá pra curar! Injetável não porque fode o fígado! Dá até ginecomastia, tipo peitinho!

Funcionário Marcinho: Geral tem medo de tomar bomba! Isso prejudica o cara. Incha por fora e esvazia por dentro! Hoje é legal, mas amanhã vai pagar o que deve. Teve um cara aqui que malhava uns oito meses. Ele cresceu tomando bomba e agora tá parado um ano e meio, voltando aos poucos, tá em tratamento na barriga por causa da aplicação.

Esses tipos de relatos compartilhados na musculação afetavam sobremaneira quem tomava ou desejava tomar tais produtos. Aqueles que tinham experienciado algum problema com o uso de anabolizante revelavam o desafio de se manter consumindo os produtos e os que ainda não o tinham, demonstravam claramente o receio de ter problemas no futuro.

Aqui se destaca que em nenhum momento do trabalho de campo presenciei a necessidade de um acompanhamento médico-profissional até mesmo para fins “estéticos”, como problematizado por Oliveira Júnior (2017). A ideia de “saúdável/patológico” que

atravessava o consumo das chamadas bombas visando apenas um corpo visto como belo/musculoso não se concretizava naquela academia. Com efeito, o que também havia ali eram indícios de modificações da compleição física como um dispositivo de pertencimento social dentro e fora do estabelecimento, por isso, “assumir riscos” com os produtos, de maneira calculada, poderia valer a pena.

Logo, apesar do consumo dessas substâncias ser uma prática naturalizada, todos ali estavam cientes dos possíveis riscos e, por isso, administravam os efeitos adversos e colaterais de acordo com a situação ou com a noção de que os benefícios eram maiores que os agravos de acordo com a reação de seu entorno. Esse dado mantinha relação com a perspectiva de Becker (2008, p. 184) quando aponta que as pessoas “levam em conta o modo como seus companheiros avaliarão o que fazem, e como essa avaliação afetará seu prestígio e sua posição”. Nessa perspectiva, percebia uma constante negociação entre riscos e benefícios. Se por um lado, os usuários declaravam que os fármacos poderiam colocar o seu corpo em risco, por outro, buscavam contornar ou ressignificar os seus atos no sentido de que aquele tomar poderia ser um mal necessário para o que poderiam lucrar posteriormente. Como Becker (2008, p. 25) sugere: “O grau em que um ato será tratado como desviante depende também de quem o comete de quem se sente prejudicado por ele”. Nessa linha de raciocínio, nem todos os usuários de anabolizantes consideravam os produtos perigosos. Para alguns interlocutores, os efeitos inesperados de tais substâncias eram um desafio a ser superado:

Felipe: Tive uma virose. Tô sem vir umas três semanas. Perdi três centímetros de braço e quatro quilos, mas já consegui recuperar dois quilos. Agora vou ter que retomar o meu ciclo de Winstrol! Eu vou que vou!

Betinho: Tô voltando depois da bad! Já vou tomar Winstrol, mas agora em menor quantidade apenas pra secar! Saio do trabalho de madrugada e já tô correndo na praia.

Estagiário Alisson: Por que você não corre de um bairro ao outro?

Betinho: Isso é fácil, tenho que perder com sacrifício! Mas aí, traz quarta-feira pra jogar em mim quando a academia estiver vazia?

Estagiário Alisson: Antes tente tomar B1 porque senão a bomba explode de uma vez, daí você vai se fuder! Depois pra frente, você toma uma Durateston, eu te passo!

Foi possível apreender como a ideia de perigo com o uso dessas substâncias era naturalizado por esses indivíduos, uma vez que seu cotidiano era permeado por situações de risco à saúde ou à vida. Os relatos na sala de musculação eram ilustrativos: os conflitos armados entre polícia militar, traficantes de drogas e milicianos; a precariedade dos serviços de saneamento básico, a dificuldade de arranjar um emprego, as condições insalubres de moradia, a dificuldade de acesso aos serviços de saúde, dentre outros fatores de uma área pobre e degradada, como denomina Whyte (2005). Eu detectava, portanto, como os aspectos objetivos ou materiais atrelados aos “problemas sociais” da vida cotidiana afetavam os modos como os usuários de anabolizantes ressignificavam o que poderia ser considerado “desviante”.

Isso indicava que assumir riscos era uma condição inerente para esses indivíduos que não poderia ser enquadrada na perspectiva biomédicalizante do uso de anabolizantes. Nessa lógica, não seria o *veneninho* ou *remedinho* (como geralmente eles denominavam os anabolizantes) que iria prejudicá-los, já que a obtenção de certa forma corporal era

um ganho maior e necessário para adquirir prestígio e era até mesmo uma segurança nesse contexto violento. Nesse caso, via que a afirmação ou o culto/investimento de um corpo bombado poderia representar uma maneira de ataque/defesa contra uma realidade socioeconomicamente comprometida.

Assim, tal relação de usos do corpo entre academia e favela podia ser vista de maneira diversa àquela que foi para Wacquant (2002) no que diz respeito ao gueto afro-americano de baixa renda de Chicago e ao *gym* de pugilismo. Enquanto o trabalho de Wacquant (2002) sugere que o ginásio de boxe, frequentado por uma juventude negra/pobre, caracteriza-se por uma sociabilidade protegida em que o mundo exterior hostil e inseguro dificilmente penetrava na academia, a estadia no salão de musculação do estabelecimento da Cidade de Deus era a própria extensão da vida cotidiana dos usuários de anabolizantes.

Ressalta-se que todo rótulo precisa ser relativizado dentro de padrões e regularidades normalmente flexíveis (VELHO, 1999). Além disso, as atuais noções de marginalidade e desvio nas sociedades complexas contemporâneas dos centros urbanos devem ser pensadas também a partir da integração e fluidez das identidades multifacetadas e relativamente estáveis (VELHO, 1994). Sabe-se que “O multipertencimento, a fragmentação de papéis e contextos, assim como outras análises e perspectivas, às vezes tendem a reduzir e minimizar a noção mais convencional de identidade individual a ponto de quase dissolvê-la, diluindo-a” (VELHO, 2009, p. 15). Desse modo, para esse contexto, desviante seria quem não se preparava para os imprevisíveis problemas físico-sociais que poderiam acometê-los.

Assim, à luz da perspectiva sociológica do desvio, era possível estabelecer uma classificação entre os iniciados que sabiam manejar os riscos como *insiders* e os não-usuários ou maus usuários de anabolizantes como *outsiders*. Pontuo que essa lógica classificatória poderia ser invertida a depender do ponto de vista de quais interlocutores se refere. Desse modo, destaco aqui que o presente estudo não partiu dos “naturais”, mas fundamentalmente com base na perspectiva dos próprios “hormonizados”.

3.1 *Insiders e Outsiders*

Ao longo do tempo, identificava que os sujeitos iniciantes no consumo de anabolizantes poderiam ser classificados como temporariamente *outsiders*. Embora todos ali consumissem os anabolizantes de forma autônoma sem um acompanhamento profissional, esses recém-iniciados aos produtos deveriam “aprender como tomar”. Para se tornarem “bons usuários” ou *insiders*, precisariam captar os saberes e práticas para/com/no corpo que eram compartilhados entre os “consumidores mais antigos”, independente de qualquer conhecimento técnico-científico da racionalidade (bio)médica:

Pesquisador: *Ele ali não tá puro não! Acabou de entrar na academia e já tá levantando quarenta quilos no supino.*

Alex: *É isso mesmo! Ele acabou de me dizer que já lançou na veia, mas ele não sabe tomar! Quando você entra, você tem que começar com suplementos pra ganhar massa e depois joga no corpo o anabolizante, assim ele vai se estrear já, já!*

Haroldo: *Você não tem mais sangue de tanta bomba! Você é maluco, toma as paradas sozinho!*

Sheik: *Não adianta tomar anabolizante e comer no podião do cachorro-quente! Tem que saber tomar, saber se alimentar e saber malhar! Ó, o Alex ali já tá cheio de estrias. Pode reparar que só o braço cresceu porque ele só se aplicou no braço, tem que variar os lugares, depois gangrena, vai se fuder!*

Aristides: *Os novinhos em uma semana já querem bomba, mas ficar grande, na verdade, é com o tempo. A pressa é inimiga da perfeição, é melhor se acostumar com o peso, ir devagarinho, porque depois toma errado...fica com um peito maior do que o outro, por exemplo.*

Almir: *Vou tomar ADE local!*

Arnaldo: *Tu tá maluco? Merece esporro! Tu vai pela cabeça dos outros, pra que isso? Teu braço já tá grande demais, vai ficar feio! Você não sabe usar, é garoto, já tá todo errado, cheio de estrias e já tá desproporcional! Olhar a sua perna! Se for pra tomar tem que saber como tomar, eu tomo e sei como! Conheço um cara com 56 centímetros de braço e totalmente sem força! Pra que isso? Tem um grandão aí na favela cheio de bomba e tomou porrada de um baixinho. Agora ele só anda de cabeça baixa com vergonha.*

Nesse caso, não era o fato de tomar anabolizantes que os tornavam desviantes, mas a forma e o momento em que consumiam tais substâncias. Os frequentadores mais experientes, avançados e veteranos protagonizavam uma iniciação àqueles que não usavam os produtos corretamente, pois esses poderiam, como diria Goffman (2002), “manchar a fachada” dos corpos bombados já que os efeitos adversos ou colaterais sinalizariam descrédito a todo o grupo. Mais do que uma preocupação com o sujeito que poderia ter qualquer acometimento negativo com os produtos, transparecia também uma forma coletiva de proteção daqueles consumidores de anabolizantes. O desvio ali, portanto, não se estabeleceria somente sobre o indivíduo, mas poderia atingir o coletivo de usuários.

Dessa forma, com base em Becker (2008), observava que havia uma construção de “regras do tomar” ali na sala de musculação. Para se estabelecer como um *insider*, tais iniciantes no “mundo dos anabolizantes” deveriam adotar e apre(e)nder comportamentos ditados pelos usuários mais experientes, avançados e veteranos. Do contrário, caso violassem como agir “adequadamente” com os produtos, eram julgados e tachados como “maus usuários” – leia-se desviantes. Ao longo do tempo, via que essas classificações de *insider* e *outsider* eram extremamente fluidas ou transitórias já que os sujeitos iam ganhando ou perdendo prestígio a depender de como interagiam na sala de musculação sob as “lógicas corporais do tomar”.

A presença e a circulação daqueles sujeitos que mais consumiam ou comercializavam os anabolizantes naquele espaço influenciava substancial e circunstancialmente essa noção de desvio:

Sheik: *Viu? Outro cara me pedindo bomba! Como é que pode? O cara se converteu e é da igreja! Não pegava ninguém! Quer crescer pra comer as meninas da igreja... ele frequenta lá e me pede anabolizante aqui, como é que pode isso?*

Nelson: *O que é bom pra crescer?*

Sheik: *Bem, depende de você! O que você quer? Posso te ajudar!*

Nelson: *Uma coisa que cresce, mas que não abaixa o pinto!*

Sheik: *Pra que se você não usa isso? Hahaha... vou te indicar umas paradas!*

Antônio: *Aí, maluco!*

Montanha: *Meu nome é maluco? Você é quem tá maluco, escutou?*

Antônio: *Foi mal, foi mal, eu queria saber dos bagulhos, dos remedinhos!*

Montanha: *Ah, irmão, chega por hoje, me procura amanhã, valeu?*

Antônio: *Cara, eu quero explodir logo, tá demorando demais! Não encontro o outro cara mais, ele tem o produto, sabe quem é? Um negão alto?*

Pesquisador: *Não sei, é o fulano?*

Antônio: *Não, é um cara que agora tá fazendo luta lá embaixo.*

Nessas breves rodas de conversa, todos paravam para ouvir quem sabia tomar os produtos. Confesso que frequentemente me surpreendia ou me encantava com a aula que os iniciados davam aos iniciantes que ficavam em silêncio prestando atenção em todas as orientações e dicas sobre a forma de uso das substâncias:

Douglas: *Não sei como vou distribuir os músculos pra trabalhar ao longo da semana!*

Pesquisador: *Eu faço assim...*

Douglas: *Não sei, vou ver, não gostei muito assim não!*

Sheik: *Aí, o que faz a gente crescer é a Deca! É a bomba, porra! Não vai conseguir nada sem isso!*

Alex: *Meu tio quando foi para o quartel, tomou de tudo, Deca, Hemogenin, Durateston, ADE que é aquele óleo que endurece! Só não tomo nada agora porque antes de entrar para o quartel, tem que fazer exame de sangue e não sei se serei pego!*

Montanha: *Ainda tem tempo, pode ir tomando, eu já servi e sei, vai tomando!*

Pesquisador: *Mas os produtos não saem do sangue só depois de dois ou três meses?*

Montanha: *Não, você não sabe, depende do que você toma, já leu a bula do Durateston? Joga no Google que você vai ver!*

Alex: *Qual é a diferença entre injetável e oral, Montanha?*

Pesquisador: *Cai tudo no sangue, não?*

Montanha: *Não, só injetável cai no sangue, porque a agulha vai direto lá no músculo, por isso o efeito é melhor e mais rápido, o músculo e a agulha estão mais próximas do sangue. O oral é o bagulho de ciência, cai no estômago primeiro, por isso que ganha barriga, a bomba explode lá dentro e manda para todo o corpo.*

As explicações de Montanha sobre a lógica das injeções e cápsulas remetem ao que Boltanski (1984) já havia observado acerca da relação entre a forma do medicamento, a sua apresentação em relação à sua potência, estabelecendo-se uma hierarquia de medicamento que vai do mais fraco ao mais forte, do mais eficaz ao menos eficaz, como também do mais anódino ao temível. Dessa forma, pode-se compreender que a forma de ação dos anabolizantes se constrói na relação com sua via de uso de acordo com as imagens e representações corporais. Assim, a aplicação injetável no músculo teria uma ação mais direta do que a forma oral.

Isso também indicava a perspectiva de Becker (2008, p. 24) quando argumenta que “[...] se um ato é ou não desviante, portanto, depende de como outras pessoas reagem ele”. Destarte, a infração das regras construídas pelos grupos de usuários “legítimos” de anabolizantes era frequentemente explícita em público no sentido de demonstrar “quem era de fora”, posição esta que também sentia no lugar de pesquisador/outsider. O trabalho

de Sá (2023) sobre fisiculturistas identifica justamente que, para se tornar um “brother” dos usuários mais experientes, era preciso compartilhar da mesma linguagem (corporal).

Emergia ali, portanto, uma espécie de pedagogia do uso de substâncias com o fim de obter um corpo hormonizado. Esses aspectos vão ao encontro da noção de capital de Bourdieu (1986) em que Wacquant (2002) aprofunda exemplarmente quando afirma que o capital-corpo demanda inúmeras técnicas para preservar ou frutificar. Nesse contexto, o prestígio desse tipo de capital corporal, gerador de lucros sociais (MEDEIROS, 2011), dependia também de quem ensinava ou ditava o que era legítimo ou desviante. Nesse quesito, os *experts* no uso de anabolizantes tinham mais legitimidade do que os próprios professores de Educação Física:

Prof. José: *Ó, não deixa mais o pessoal colocar música que faz apologia a bombas não!*

Recepcionista Kelly: *Eu digo para eles, mas eles insistem! Eles ficam falando que geral gosta e só assim cresce!*

Prof. José: *Se a galera quer tomar, que tome lá fora, aqui não, eu tô aqui! Todas essas coisas dão necrose, prefiro ser magrinho assim. Essas coisas ficam lá e eu aqui!*

Rodrigão: *Caraca, espero que o professor ali não me escute falando essas coisas, pô, tô indicando essas paradas para crescer que pediram aí!*

Pesquisador: *Eu não sou professor aqui não.*

Rodrigão: *Será que o professor ficaria bolado de saber o que eu tô fazendo aqui?*

Pesquisador: *Não sei, geral comenta essas paradas aqui, de manhã então tem um pessoal que fala sobre isso e ele escuta.*

Os professores de Educação Física, que ali são os profissionais de saúde e que devem zelar pelo bem-estar de seus alunos, não poderiam orientá-los sobre o uso de anabolizantes. Esse processo pedagógico era para os *experts* já que, como refere Becker (2008), os usuários precisavam “aprender a usar para ter efeitos reais”, “reconhecer as sensações” e “gostar dos efeitos”.

Nesse sentido, esses profissionais também eram encarados ou rotulados como *outsider* pelo fato de estarem “fora do círculo dos membros ‘normais’ do grupo” (BECKER, 2008, p. 27). Logo, eles não tinham uma competência corpóreo-laboral para tratar sobre anabolizantes na sala de musculação já que a maioria deles não havia experienciado os efeitos dos produtos “na pele”.

Assim, para obter um corpo hormonizado, o indivíduo deve, a todo o momento, aprender a ponderar entre o ganho e o risco de consumir tais fármacos a partir de dadas pressões dos grupos em que se insere (DARTORA; WARTCHOW; ACELAS, 2014; BRITO; FARO, 2017; MARINHO; SILVA, 2019). Logo, tais drogas ou medicamentos podem ser situados e compreendidos pelos profissionais de saúde e, sobretudo, pelos profissionais de Educação Física que lidam no seu cotidiano com essas situações, com base nas experiências, inserções e vivências sociais – ou na “carreira moral” nomeada por Goffman (2008) – daqueles que tomam tais produtos. Exemplarmente, o estudo de Machado e Fraga (2020) sugere que o silenciamento sobre o tema nas graduações em Educação Física pode favorecer ainda mais a atmosfera de clandestinidade e, por consequência, desinformação e outros riscos que vulnerabilizam os usuários.

Destarte, entre as tensões entre *insiders* e *outsiders*, urge, portanto, a necessidade de explorar os significados sociais atribuídos ao risco ou ao desvio pelos usuários de anabolizantes a fim de compreender os comportamentos dessa subcultura e, por consequência, agir para promoção da saúde (MONAGHAN, 2002). No mesmo sentido, torna-se imperioso revisar as políticas punitivistas, conservadoras e estigmatizadoras sobre drogas e que estão debatidas no campo antropológico (ALVES; PEREIRA, 2019).

4 À Guisa de Conclusão

Essa pesquisa etnográfica assumiu a perspectiva de autores adeptos ao interacionismo simbólico e à sociologia do desvio. Como diria Velho (2008, p. 147), “As ações e as condutas são permanentemente sujeitas a interpretações de diferentes atores sociais, a partir de variados pontos de vista e perspectivas”. Assim, nesse constante jogo de aproximação e distanciamento do objeto e universo de estudo, assumi aqui que um comportamento desviante em relação aos usos de anabolizantes não deve ser associado puramente como um comportamento de risco.

Em termos gerais, com base na microrrealidade dessa musculação de uma academia de ginástica situada em um bairro popular carioca, apreendi que o consumo de anabolizantes na musculação pode ocorrer fundamentalmente a partir de comportamentos compartilhados em um processo dinâmico e interativo e que a negociação de riscos e benefícios relacionados ao uso de anabolizantes passa por um aprendizado pelo corpo.

Assim, drogar-se ou dopar-se com anabolizantes na musculação não são necessariamente considerados comportamentos desviantes por esse público. Nesse sentido, os próprios usuários constroem a noção do que seria um comportamento desviante no que diz respeito aos usos dessas substâncias. Os significados atribuídos pelos usuários de anabolizantes da Cidade de Deus dialogam com aspectos econômicos, culturais e sociais que atravessam determinado segmento macroestrutural da sociedade. Em outras palavras, lógicas simbólicas acerca dos usos desses produtos não se resumem somente aos processos de agenciamento e de comportamentos individuais de determinados sujeitos, mas também relacionalmente às estruturas sociais que as enredam.

Por isso, recomenda-se aqui cada vez mais estudos etnográficos e/ou intervenções laborais no campo da Saúde que explorem as singularidades de sentidos e significados atribuídos por determinados sujeitos ao uso de anabolizantes, em especial, considerando a expansão do “mercado *fitness*” e a visibilidade desse tema em diferentes tecnologias biométricas e de informação/comunicação (RODRÍGUEZ, 2022). Afinal, iniciativas acadêmico-profissionais sensíveis, afetivas e humanizadas sobre drogas e medicamentos podem contribuir efetivamente de forma menos etnocêntrica para o público usuário de dadas substâncias.

Referências

- ALVES, Ygor Diego Delgado; PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Antropologia e a questão das drogas: um século de embates políticos e teóricos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, n. 90, p. 1-23, 2019.
- ANDREWS, Gavin; SUDWELL, Mark; SPARKES, Andrew. Towards a geography of fitness: an ethnographic case study of the gym in British bodybuilding cultura. **Social Science & Medicine**, Oxford, v. 60, n. 4, p. 877-891, 2005.
- BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo**: produzir e analisar dados etnográficos. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BECKER, Howard. A escola de Chicago. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 177-188, 1996.
- BECKER, Howard. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BECKER, Howard. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BHASIN, Shalender *et al.* Anabolic-androgenic steroid use in sports, health, and society. **Medicine & Science in Sports & Exercise**, Indianapolis, v. 53, n. 8, p. 1.778-1.794, 2021.
- BOLTANSKI, Luc. **As classes sociais e o corpo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- BOURDIEU, Pierre. The forms of capital. In: RICHARDSON, John (ed.). **Handbook of theory and research for the Sociology of Education**. Westport: Greenwood, 1986. p. 241-258.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância Sanitária. Portaria n. 344, de 12 de maio de 1998. Aprova o regulamento técnico sobre substâncias e medicamentos sujeitos a controle especial. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 15 de maio de 1998.
- BRASIL. Ministério da Casa Civil. Lei n. 9965, de 27 de abril de 2000. Restringe a venda de esteróides ou peptídeos anabolizantes e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 27 de abril de 2000.
- BRASIL. Ministério da Casa Civil. Secretaria-Geral. Lei n. 11.343, de 23 de agosto de 2006. Institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas – Sisnad; prescreve medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas; estabelece normas para repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas; define crimes e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 de agosto de 2006.
- BRITO, Ariane; FARO, André. Significações atribuídas aos anabolizantes: um embate entre o desejo e o risco. **Psicologia, Saúde & Doenças**, Lisboa, v. 18, n. 1, p. 102-114, 2017.
- CESARO, Humberto Luís; FRAGA, Alex Branco. Não pode ser na seringa, tem que ser no muque: masculinidades e práticas corporais de hipertrofia numa academia de Porto Alegre. **Revista Didática Sistemica**, Rio Grande, v. 15, n. 1, p. 84-98, 2013.
- CHAVES, Simone Freitas. **No labirinto dos espelhos**: o corpo e os esteróides anabolizantes. Niterói: Nitpress, 2009.
- CICOUREL, Aaron. Teoria e método em pesquisa de campo. In: ZALUAR, Alba. (org.). **Desvendando máscaras sociais**. São Paulo: Francisco Alves, 1980. p. 87-121.
- COULON, Alain. **A Escola de Chicago**. Campinas: Papirus, 1995.
- DAMATTA, Roberto. **Relativizando**: uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.
- DARTORA, William Jones; WARTCHOW, Krista Minéia; ACELAS, Alba Luz Rodríguez. O uso abusivo de esteroides anabolizantes como um problema de saúde pública. **Revista Cuidarte**, Bucaramanga, v. 5, n. 1, p. 689-693, 2014.

- FAINZANG, Sylvie. **Médicaments et société**. Paris: PUF, 2001.
- GEERTZ, Clifford. Estar lá, escrever aqui. **Diálogo**, São Paulo, v. 22, n. 3, p. 58-63, 1989.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. Petrópolis: Vozes, 2011.
- HALLAL, Pedro Curi; KNUTH, Alan Goularte. Epidemiologia da atividade física e a aproximação necessária com as pesquisas qualitativas. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 1, p. 181-192, 2011.
- IRIART, Jorge Alberto Bernstein; ANDRADE, Tarcísio Matos. Musculação, uso de esteróides anabolizantes e percepção de risco entre jovens fisiculturistas de um bairro popular de Salvador, Bahia, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 5, p. 1.379-1.387, 2002.
- IRIART, Jorge Alberto Bernstein; CHAVES, José Carlos; ORLEANS, Roberto Ghignone. Culto ao corpo e uso de anabolizantes entre praticantes de musculação. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 4, p. 773-782, 2009.
- MACHADO, Eduardo Pinto; FRAGA, Alex Branco. Ratos de academia on-line: debates sobre musculação em um fórum virtual. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 25, n. 1, p. 141-150, 2017.
- MACHADO, Eduardo Pinto; FRAGA, Alex Branco. Anabolizantes na graduação em Educação Física: um dilema ético-sanitário entre estudantes que praticam fisiculturismo. **Journal of Physical Education**, Maringá, v. 31, e3166, 2020.
- MARINHO, Julio Cesar Bresolin; SILVA, João Alberto. Análise moral e ética no cuidado com a saúde de adolescentes cabo-verdianos e brasileiros referente ao consumo de cigarros, álcool, drogas e anabolizantes. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 25, n. 2, p. 297-315, 2019.
- MEDEIROS, Cristina Carta Cardoso. Habitus e corpo social: reflexões sobre o corpo na teoria sociológica de Pierre Bourdieu. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 281-300, 2011.
- MONAGHAN, Lee. Vocabularies of motive for illicit steroid use among bodybuilders. **Social Science & Medicine**, Oxford, v. 55, n. 5, p. 695-708, 2002.
- MORAES, Danielle Ribeiro. **Entre tiro, porrada e bomba**: esteroides anabolizantes androgênicos, gerencialismo arriscado e os discursos médicos moralizantes. 2016. 165p. Tese (Doutorado em Ciências) – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2016.
- OLIVEIRA JÚNIOR, Edyr Batista de. **“Cada um sabe do seu próprio corpo”**: masculinidades, projetos corporais e treinos. 2017. 246p. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, 2017.
- PALMA, Alexandre; ASSIS, Monique. Uso de esteróides anabólico-androgênicos e aceleradores metabólicos entre professores de Educação Física que atuam em academias de ginástica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 1, p. 75-92, 2005.
- PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 377-391, 2014.
- RODRÍGUEZ, Francisco Javier Cortazar. Sobreviviendo a la pandemia. Estrategias de gimnasios frente a los efectos del Covid-19. In: SILVA, Alan Camargo (org.). **Corpo e práticas corporais em academias de ginástica**. Curitiba: Editora Bagai, 2022. p. 201-216.

SÁ, Gabriel Salgado Ribeiro de. Broscience: uma análise sobre o consumo de medicamentos entre fisiculturistas. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 178-198, 2023.

SABINO, César. O uso ritual de esteróides anabolizantes em academias de musculação: uma abordagem antropológica. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 7-16, 2005.

SILVA, Alan Camargo. **“Limites” corporais e risco à saúde na musculação**: etnografia comparativa entre duas academias de ginástica cariocas. 2014. 446p. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Estudos em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

SILVA, Alan Camargo. **Corpos no limite**: suplementos alimentares e anabolizantes em academias de ginástica. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

SILVA, Alan Camargo. Uma etnografia encarnada: imagens e identidades corporais de um pesquisador em uma academia de ginástica. In: FERREIRA, Jaqueline; BRANDÃO, Elaine Reis (org.). **Reflexividade na pesquisa antropológica em saúde**: desafios e contribuições para a formação de novos pesquisadores. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2021. p. 183-207.

SILVA, Alan Camargo; FERREIRA, Jaqueline. “Homens bombados e embalados”: masculinidades e músicas sobre anabolizantes em uma academia de ginástica. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v. 25, n. 267, p. 2-20, 2020.

TRAMONTANO, Lucas. “Otimizar o desempenho muscular e estético”: interseções de diagnósticos, sintomas e desejos no uso da testosterona como aprimoramento. **Teoria e Cultura**, Juiz de Fora, v. 13, n. 1, p. 108-125, 2018.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. p. 121-132.

VELHO, Gilberto. **Nobres e anjos**: um estudo de tóxicos e hierarquia. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1998.

VELHO, Gilberto. **Desvio e divergência**: uma crítica da patologia social. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

VELHO, Gilberto. Goffman, mal-entendidos e riscos interacionais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 23, n. 68, p. 145-148, out. 2008.

VELHO, Gilberto. Antropologia urbana: encontro de tradições e novas perspectivas. **Sociologia, Problemas e Práticas**, Lisboa, n. 59, p. 11-18, 2009.

WACQUANT, Loïc. **Corpo e alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WHYTE, William Foote. Treinando a observação participante. In: ZALUAR, Alba (org.). **Desvendando máscaras sociais**. São Paulo: Francisco Alves, 1980. p. 77-86.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina**: a estrutura social de uma área urbana e degradada. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

Alan Camargo Silva

Professor do curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Desportos de Campo e de Quadra da Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EEFD/UFRJ). Coordenador do Grupo de Trabalho Temático Corpo e Cultura do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (GTTCC/CBCE).

Endereço profissional: Avenida Carlos Chagas Filho, n. 540, Ilha do Fundão, Cidade Universitária, Rio de Janeiro, RJ. CEP: 21941-598.

E-mail: alancamargo10@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1729-5151>

Jaqueline Ferreira

Médica de Família e Comunidade, Antropóloga, Professora Associada do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IESC/UFRJ).

Endereço profissional: Prefeitura da Cidade Universitária, Ilha do Fundão, Cidade Universitária, Rio de Janeiro, RJ. CEP: 21941-592.

E-mail: jaquetf@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7662-1773>

Como referenciar este artigo:

SILVA, Alan Camargo Silva; FERREIRA, Jaqueline. Corpos Bombados e Desviantes? Anabolizantes e Moralidades na Musculação. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 25, n. 3, e85195, p. 6-22, setembro de 2023.